

A prática tradutória no curso de bacharelado: um olhar para a condição de intraduzibilidade presente na tradução de prefácios

Ana Zandwais¹

Résumé: Cet étude développée au Course des Lettres de l'Université Federal de Rio Grande do Sul – Brésil- se penche sur pré-supposés sémantiques et discursives pour investiguer comment les élèves qui travaillent avec la pratique de traduction réfléchissent sur questions de signification durant la lecture et analyse des pratiques de traduction. Nos objets d'investigation pour cet article sont préfaces d'oeuvres de Litterature traduit au Portugais. On veut analyser des lectures fait par des élèves sur incongruités entre significations dans les textes en anglais et Portugais qui sont traduit en différent moments au Brésil..On analyse aussi des solutions proposé par des élèves pour répondre aux problèmes de “manqué de sense” durant l'analyse.

Mots-clé: Traduction; enseignement; interpretation; équivalences sémantiques.

Resumo: Este estudo desenvolvido no Curso de Bacharelado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul detém-se em torno de pressupostos semânticos e discursivos a fim de investigar como os alunos que trabalham com a prática de tradução refletem sobre questões de significação durante a leitura e análise das práticas de tradução. Nossos objetos de investigação, neste artigo, são prefácios de obras literárias traduzidas para a língua Portuguesa. Propomo-nos a analisar as leituras feitas pelos alunos em torno das incongruências de significações entre textos produzidos em línguas Inglesa e Portuguesa e traduzidos em diferentes momentos no Brasil. Buscamos também as soluções propostas pelos alunos para responder aos problemas de anomia durante a análise.

Palavras-chave: Tradução; ensino; interpretação; equivalências semânticas.

Introdução

Este estudo, desenvolvido no Curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, propõe-se a refletir em torno do fazer tradutório com base em uma experiência vivenciada na disciplina de Semântica do Texto² e estudada por nós após sua realização.

A partir de uma leitura da análise de traduções de prefácios de textos literários escolhidos pelos discentes, e de questionamentos, em termos de questões teórico-práticas,

1 Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Membro do Comitê Editorial da Revista “Conexão Letras”. Coordenadora do Projeto “História das Ideias”.

2 É importante salientar que a disciplina de Semântica do Texto, ministrada no Curso de Bacharelado, está concentrada em torno do estudo de questões semânticas envolvidas no trabalho de tradução, visando a qualificar a formação específica desta ênfase, voltada à formação de tradutores.

considerando-se seus desdobramentos, para fins de qualificação do fazer tradutório, foram colocadas em perspectiva algumas questões envolvendo relações entre as condições de produção da obra e as condições de produção de prefácios que sofreram traduções, privilegiando-se as relações culturais não simétricas entre a língua de partida e a língua de chegada, neste caso, as línguas Inglesa e Portuguesa.

Através deste estudo, desde uma ótica discursiva, portanto, buscamos compreender como os alunos tratam da complexidade de questões semânticas no trabalho tradutório ao analisar diferentes prefácios de uma mesma obra literária.

Algumas considerações sobre o fazer tradutório

Pensar sobre o fazer tradutório, seus diferentes desdobramentos e suas implicações para a construção de conhecimentos teóricos capazes não somente de questionar, mas de formular algumas respostas acerca de um trabalho sobre a linguagem e que se faz com a própria linguagem, parece ser um grande desafio tanto para um linguista como para um tradutor, que, mesmo dominando a especificidade de um determinado tema e a complexidade de duas ou mais línguas precisa lidar com diferentes questões de ordem histórica, política, cultural e social e que, sem dúvida, parecem tornar o exercício da tradução “uma odisséia impensável”. Mas como a produção de um semanticista não se dá senão a partir de “territórios instáveis”, onde as relações simbólicas são construídas em permanente condição de tensão entre as formas e os possíveis sentidos a que elas remetem, e ainda tendo em vista que a relação de assimetria entre estrutura e significante consiste no movimento dialético que instaura o processo de compreensão sobre o trabalho de possíveis relações de equivalência entre as palavras é que entendemos a prática de traduzir como um trabalho não somente de transposição de estruturas e de significações de uma determinada língua-fonte para uma língua-alvo, mas, sobretudo, de instauração de novas “arquiteturas” semânticas com as quais é preciso que o tradutor aprenda a “sair de si mesmo” para poder assumir a responsabilidade de interpretar.

Não se trata, deste modo, de pensar a tradução como uma pantomima³, à semelhança das ações que tornam verossimilhantes as relações entre o teatro e a vida, onde o ator busca reproduzir os fatos da vida, a fim de conferir legitimidade às suas ações, e o tradutor, busca garantir a fidelidade, na língua-alvo, às construções produzidas na língua-fonte, mas de um gesto de interpretação que, produzido nos limites de culturas e línguas, constrói novas relações de intersubjetividade, as quais possibilitam uma partilha com os referentes do outro, com seu universo, com seu espaço, com seu tempo, seus valores, enfim, com a própria identidade do outro, na busca de suprimir a condição de estrangeiridade deste, produzindo conhecimentos sobre tal condição através do mesmo objeto simbólico – a língua – e que não sendo relativizada, já que a língua se inscreve em diferentes universos culturais, faz o outro parecer um ser intangível.

Contudo, é a língua o meio para que se possa “atravessar a ponte”, conforme propõe Mikhail Bakhtin (2011), converter o estrangeiro em um outro com o qual é possível estabelecer alteridade, com o qual é possível partilhar sentidos à revelia da diferença de histórias, culturas, de organização dos sistemas linguísticos e da heterogeneidade de experiências que constituem o outro e a nós mesmos.

3 A pantomima, forma de expressão própria do teatro, cuja expressão está centrada no gesto, na mímica, como forma de reprodução dos modos de expressão humanas, também pode significar embuste, logro, remetendo ao fato de que nem sempre a arte é capaz de reproduzir, de modo fiel, o que figura na alma humana.

Mas é preciso, antes de tudo, para que possamos aprender a refletir sobre o processo tradutório, que não tenhamos receio de “atravessar a ponte”, de nos deslocarmos para o espaço do outro, de tropeçar na própria linguagem, de não perceber suas especificidades de toda ordem, os modos através dos quais se inscreve na história, enfim, é preciso sermos capazes de conviver, simultaneamente, com o que delimita o outro em seu tempo e seu espaço e com aquilo que é próprio de sua escrita, buscando apreender sua realidade.

Esta relação de alteridade com a escrita do outro, se entendida, via de regra, como reprodução, perde seu valor dialógico, na medida em que o texto fonte, desde esta ótica, precisa apenas ser duplicado em uma língua-alvo, de modo que a tradução seja entendida como uma “réplica” de um texto original. Neste tipo de condução, a anonimia deixa de ser uma realidade própria do processo tradutório, e, portanto, das relações de equivalência semântica entre línguas.

Não é, pois, a este tipo de prática que propomos remeter o trabalho tradutório, como um trabalho que busca aproximar as diferenças nas condições em que é possível fazê-lo. É preciso, portanto, tratar com a anonimia como a condição fundante da necessidade que instiga o tradutor a produzir, mesmo no vácuo da impossibilidade de obtenção de equivalências semânticas plenas entre dois textos. Este termo, oriundo da filosofia grega, remete à impossibilidade de obtenção de equivalências semânticas plenas entre as expressões de duas línguas tendo em vista a inexistência de um determinado significante em uma delas. Compreendida a sua condição inevitável, é ela que permite entender o lugar de autoria a ser ocupado pelo tradutor no exercício da tradução. A anonimia precisa ser entendida, assim, como o real da “falha⁴” que funda o espaço da autoria.

É por tais razões que, segundo nossa ótica, a prática de traduzir somente se dá como uma função responsiva, conforme propõe Bakhtin (1993) em “Questões de Literatura e de Estética”, como um ato de responder ao discurso do outro no processo de apropriação de seus sentidos, no trabalho de reconstrução de uma outra arquitetura discursiva, na busca de estabelecer correlação de sentidos que nem sempre parecem se equivaler.

Cabe, então, colocar a seguinte questão: como o tradutor responde ao discurso do outro?

Ora, se a prática tradutória coloca em jogo não somente a representação dos signos verbais e suas possibilidades de co-ocorrência, mas também as modalidades de inscrição destes signos em diferentes ordens históricas, então parece-nos que a função responsiva⁵ à língua outra, ao discurso outro somente pode ser compreendida a partir dos efeitos que a tradução produz como prática de interpretação. As múltiplas re-traduções de um mesmo texto fonte em momentos e contextos socioculturais distintos e os diferentes efeitos que elas produzem para o leitor vêm comprovar esta realidade.

É sob tais aspectos que as leituras de diferentes traduções de um mesmo texto tornam-se relevantes para nossos estudos, considerando que ao colocarem em perspectiva o lugar de enunciação do tradutor como sendo o de intérprete, também nos possibilitam entender como funciona, em termos práticos, a sua função de autoria, enquanto um espaço ético no qual se fundam as possibilidades de compreensão do texto-outro e a própria arquitetônica do ato de traduzir.

4 Entendemos a noção de “falha” como a própria condição de impossibilidade de obtenção de equivalências semânticas plenas entre as palavras, expressões.

5 O termo função responsiva é aqui utilizado na acepção de Volochinov (2017), onde a palavra de cada um, suas formas de produzir sentidos constituem-se sempre em respostas à palavra, aos sentidos do outro. É esta função que vem a caracterizar a condição essencial de todo ato de compreensão do dizer, e do próprio ato de dizer como sendo dialógico.

A força de uma tradução, sob este aspecto, não está ligada a uma concepção de estilo individual, nem à apreensão daquilo que estaria subjacente à superfície linguística de um texto fonte, tampouco à “fidelidade” ao texto de origem, mas, sobretudo, à compreensão das formas de emergência discursiva e seus dominantes ideológicos e estruturais (formas de referência espaço-temporal que são determinantes para os modos de objetivação temática, modalidades enunciativas, acentos axiológicos, recursos linguísticos de acréscimo, elipses, inversões, metaforizações, metonímias, apagamentos, etc.) como escolhas produzidas que possibilitam apreender as diferentes formas de orientação social de um texto, de seus modos de funcionamento discursivo e de inscrição na história.

Tratar da tradução, sob esta ótica, implica tratar, ao mesmo tempo, da semelhança e da diferença, enquanto possibilidades de recepção e de transposição de um texto de uma língua-fonte para uma língua-alvo, em tempos e espaços determinados, considerando, sobretudo, que o agir sobre os sentidos⁶, implica responder à palavra do outro, sob as condições históricas em que se faz possível interpretar e responder, considerando também as oscilações entre lacunas espaço-temporais e entre culturas, que, via de regra, são marcadamente assimétricas, convocando as operações necessárias à compreensão do funcionamento das relações anônimas.

Por um método materialista para refletir em sala de aula em torno da tradução: a escolha de um gênero discursivo

A fim de concretizarmos nossa experiência de possibilitar aos alunos do Curso de Bacharelado uma reflexão analítica sobre o funcionamento da tradução, enquanto uma prática que demanda, de forma permanente, tratar com as possibilidades de proximização entre discursos tomados como expressões de diferentes formas de subjetivação sócio-históricas, onde a compreensão das relações de equivalência interlinguísticas e interdiscursivas não pode ser feita senão pela inscrição dos textos nas esferas sociais, culturais e espaço-temporais que os produziram, optamos pela escolha de uma análise de prefácios de livros de gênero literário, os quais teriam sido traduzidos para diferentes línguas e cujas novas edições demandaram também a reescrita e re-tradução de novos prefácios.

Caberiam aqui, então, as seguintes questões: por que privilegiar a tradução de prefácios de textos literários? Como os textos literários possibilitam aos alunos refletir sobre a prática de tradução?

As respostas que podemos formular não são tão simples. Em primeiro lugar, entendemos que o texto literário está comprometido com funções, ao mesmo tempo, miméticas, estéticas e valorativas, na medida em que parte da realidade para recriá-las e também exprime como o real se instaura em suas diferentes formas de ordenamento social. E o faz com a linguagem, que é, ao mesmo tempo, o seu objeto de criação, de reinvenção da realidade e o instrumento de que se serve para dar concretude “às imagens que constroem uma narrativa” (WELLEK; WARREN, 1976)

Essa forma de “tradução” da ordem do real, por outro lado, não se dá senão a partir de determinadas posições que o autor assume em face do modo como constrói mundos

6 É importante ressaltar, conforme Allan (1970), que, desde a filosofia aristotélica já era empregado o termo ‘nous’ (próprio da cultura francesa) para qualificar os diferentes modos através dos quais a psique humana desloca-se, o sujeito sai para fora de si e é capaz de mobilizar tanto as percepções como o intelecto para apreender os sentidos.

imaginários e os coloca em funcionamento, instaurando, por estes meios, relações “próprias” de alteridade com o leitor, através das quais é possível, de modo contraditório, controlar os esquemas narrativos e, simultaneamente, perder o controle sobre a própria criação⁷.

Pois bem, entendendo que o ato de traduzir, enquanto um processo que pode ser associado ao ato mimético, requer interpretação, mas também recriação, na medida em que para produzir “equivalências” entre textos literários o tradutor não somente precisa buscar equivalências entre a desigualdade, mas também construir relações de co-ocorrência semântica no ponto onde a língua as torna aparentemente impossíveis⁸, tomamos o funcionamento deste gênero de texto como um objeto altamente privilegiado para as nossas observações.

A seguir, partimos da hipótese de que, dada a especificidade das condições de produção dos textos literários, o processo de produção de seus prefácios iria envolver diferentes modalidades de “inserção” dos leitores, no contexto da obra, que poderiam variar de acordo com os imaginários de recepção para os quais os textos seriam dirigidos. Esta questão, segundo nosso ponto de vista, parece ser essencial à compreensão do fato de que um mesmo texto possa apresentar prefácios distintos.

Entendemos, assim, que a busca por análises de prefácios e do modo como foram traduzidos viria ao encontro de uma tentativa de refletir com os alunos em torno das possibilidades de tratar das condições de traduzibilidade deste tipo de texto como um gênero discursivo que, mesmo sendo indispensável ao conhecimento investigativo, tem sido negligenciado pelos estudos da linguagem, em termos de pesquisa.

Sobre o prefácio como gênero discursivo

Se nos perguntarmos pela definição de um prefácio a fim de melhor refletir em torno do funcionamento deste gênero discursivo, podemos obter do *Dicionário Novo Aurélio Sec. XXI* (1999: 1626) a definição que segue: “Texto ou advertência ordinariamente breve, que antecede uma obra escrita e que serve para apresentá-la ao leitor”. O termo pode ainda ser co-referenciado por preâmbulo, prólogo, prelúdio, etc.

Esta definição que identifica o prefácio como um texto que visa a introduzir uma obra escrita para o leitor pode ser caracterizada, enquanto um gênero, por outro lado, como um texto que, para remeter ao conteúdo da obra, precisa inscrevê-la no contexto histórico em que foi produzida, requerendo, portanto, não somente uma abordagem dos temas que se tornam objetos da obra, mas também uma reflexão em torno dos olhares a partir dos quais tais temas são explorados, a partir dos possíveis diálogos entre as ideias dominantes no texto e aquelas que dominam em um corpo social durante o momento de produção do texto, a fim de que o leitor possa situar-se em relação às suas condições de produção.

Por outro lado, na medida em que a elaboração de um prefácio é entendida como um discurso autorizado, porquanto competente, no qual o enunciador domina o conteúdo da obra, mas também inscreve juízos de valores em torno dos objetos de que fala, é preciso dar destaque, sobretudo, a duas funções presentes neste modo de produção textual:

7 Esta seria, segundo nossa ótica, uma das características dialéticas mais importantes da obra literária, na medida em que na mesma proporção em que o autor detém o domínio sobre a narrativa e seus personagens, em termos do “script” que lhes confere, perde totalmente o controle sobre suas condições de recepção, sobre o modo como o texto é significado.

8 A anonímia, ou a inexistência de relações de proximização entre determinados significantes próprios de diferentes línguas e que refletem as especificidades das condições de produção materiais e simbólicas de cada povo, pode ser entendida como a evidência mais concreta deste processo.

- a) a função de relato, a partir da qual o leitor passa a assenhorar-se dos domínios temáticos;
- b) a função avaliativa que caracteriza os modos como os temas são individualizados através de determinados valores que os colocam em jogo. Assim, o funcionamento deste gênero permite caracterizá-lo como um espaço de dupla alteridade, onde as modalidades de apresentação dos temas e de seus conteúdos ideológicos estão sujeitas aos “recortes”⁹ enunciativos que conferem à obra analisada uma determinada identidade.

É pelos recortes que são tomados como objetos de constituição de um preâmbulo sobre a obra, portanto, que se torna possível compreender a partir de que óticas esta é avaliada, quais as suas influências nos meios em que se insere, como ela possibilita oferecer ao corpo social um retorno da realidade que ela extrai deste corpo, seus impactos, seus limites, seus horizontes.

Desde esta ótica, podemos dizer, então, que o prefácio, na mesma medida em que cumpre a função de apresentar uma obra, caracteriza-se como a expressão de determinadas condições de recepção desta. Sua legitimidade é autorizada com base no modo como determinadas questões são colocadas em evidência, pelo enunciador, para o leitor, criando um espaço de interlocução com este. Por outro lado, tal critério não se constitui em condição suficiente para controlar outras leituras, outras condições de recepção possíveis, atreladas aos diferentes contextos em que o prefácio passa a circular e ser compreendido.

E é esta dialética, segundo nosso ponto de vista, que vem a caracterizar o prefácio como um gênero de discurso em permanente necessidade de transformação, na medida em que sua enunciação está sujeita a apresentar o texto, a partir de escalas de valores distintos, das diferentes épocas em que o texto é lido, bem como a partir dos interesses e das contingências em que uma obra pode circular entre diferentes segmentos da sociedade. Essas seriam, portanto, algumas das razões que vêm a justificar também o fato de que uma mesma obra traduzida para diferentes línguas possa apresentar prefácios até mesmo estranhos entre si.¹⁰

Procedimentos metodológicos

A fim de oportunizar aos discentes determinadas condições para analisar o processo tradutório¹¹ de prefácios das obras literárias escolhidas por eles, elaboramos um roteiro, explorando questões que viriam nortear as análises. E com vistas à realização deste estudo, selecionamos análises realizadas em torno da tradução do prefácio da obra literária “The Lord of The Rings” de autoria do filólogo e crítico literário inglês John Ronald

9 A noção de ‘recorte enunciativo’ vem ao encontro do próprio trabalho que a ideologia realiza no modo de apresentação de um texto.

10 Os exemplos que podem ilustrar nossas observações não necessariamente remetem somente à produção de prefácios de textos literários, mas também a textos clássicos de linguística, história, sociologia, etc. A título de ilustração de nossos comentários, as traduções de *Problèmes de linguistique générale* de Émile Benveniste (1996) Ed. Gallimard, para Portugal e para o Brasil não apresentam os mesmos prefácios.

11 Cabe observar que os critérios para a escolha das obras a analisar, além de envolver a escolha de uma língua-fonte, foram determinados, em grande parte, pela curiosidade dos alunos em relação às formas de apresentação de textos clássicos que se tornaram objetos de outros tipos de produções como a teatral e a cinematográfica.

Reuel Tolkien, publicada em 1954, mas somente prefaciada em língua Inglesa durante o ano de 1965. Por outro lado, a tradução do prefácio irá aparecer em língua Portuguesa no ano 2000, data em que a obra foi traduzida e publicada pela Editora Martins Fontes.

Roteiro para análise do processo tradutório de prefácios

- a) Título do Prefácio (língua-fonte) → (língua-alvo).
- b) Período de publicação da obra literária e do Prefácio. Neste item buscamos investigar se a 1ª edição da obra já continha prefácio.
- c) Como a função avaliativa da obra é produzida? (aspectos axiológicos).
- d) Como as adaptações feitas ao prefácio na língua-alvo qualificam o texto traduzido, tornando-o um texto de melhor ou menor compreensão?
- e) O prefácio da língua-alvo pode ser entendido por um leitor de outra cultura? Qual a relevância, para o leitor, das adaptações semânticas e sintáticas feitas?

Respondendo as questões e formulando problemas

Com base em uma análise dos prefácios de “The Lord of The Rings” em língua Inglesa e “O Senhor dos Anéis” em Português, os alunos observaram, inicialmente, que seu enunciador é apresentado como sendo o próprio John R. R. Tolkien, o que o coloca, ao mesmo tempo, em dois lugares de enunciação contraditórios: a) no lugar de autor; b) no lugar de crítico de sua própria obra.

Por outro lado, dada a lacuna temporal entre o momento da escrita de “The Lord of The Rings”, seus objetos temáticos, que envolvem os costumes e a história dos povos antigos e de personagens da mitologia (elfos)¹² e a própria produção de seu prefácio, a função avaliativa da obra passa a dividir um espaço considerável com a função de relato, com vistas a contextualizar o modo de produção desta obra literária para os leitores que não possuem familiaridade com seres lendários da antiguidade, desconhecendo suas narrativas, seus mitos e as tradições que os identificam.

Desta forma, se o enunciador, John R. R. Tolkien ocupa, simultaneamente, no texto fonte, os lugares de enunciação¹³ de autor, de relator do processo de produção literária e de avaliador deste processo, passa a ser a função de autoria que irá legitimar os relatos e as avaliações feitas sobre a obra para o leitor.

A observação das características que dominam o modo de formulação do prefácio, pelos alunos, gerou o primeiro gesto interpretativo em torno da tradução deste. Isto é, a partir da identificação dos lugares de enunciação ocupados pelo mesmo enunciador os alunos passaram a conferir como teria sido feito o “controle” da tradução de passagens que produzem relatos e avaliações da obra.

É, pois, em torno destas passagens que nos deteremos a fim de nos reportarmos ao modo de funcionamento enunciativo do prefácio, bem como às análises de relações de transposição semântica do léxico realizadas no trabalho de produção de equivalências semânticas entre as línguas Inglesa e Portuguesa, considerando sobretudo as assimetrias espaço-temporais entre o momento de produção da obra (1954), da escrita do prefácio (1965) e o momento da tradução do prefácio para Língua Portuguesa (2000).

¹² É importante lembrar que os elfos seriam, originalmente, personagens da mitologia escandinava, simbolizando as forças da natureza, o ar, a terra, o fogo, a água e seus efeitos sobre o universo.

¹³ Entendemos, conforme Guimarães (2006) o lugar de enunciação como um espaço de divisão do sujeito, a partir do qual ele assume diferentes posições e produz sentidos. Sobre este tema, é fundamental dar destaque ao estudo realizado por Zoppi-Fontana (1999) intitulado “Lugares de Enunciação e Discurso”.

Destacamos, a seguir, um recorte dos prefácios em LF e LA, onde as traduções do relato e da avaliação da obra estão interligadas, conforme veremos.

R1 (LF) “The tale grew in the telling, until it became a history of The Great War of The Ring and included many glimpses of the yet more ancient history that preceded it. It was began soon after the Hobbit was written and before its publication in 1937, but I did not go on with this sequel for I wished first to complete and set in order the mythology and legends of the Elder Days which had been taken shape for some years. I desired to do this for my own satisfaction and I had little hope that other people would be interested in this work, especially since it was primarily linguistic in inspiration and was begun in order to provide the necessary background of ‘history’ for Elvish tongues” (1965, p. 7)

R1’ (LA) “Esta história cresceu conforme foi sendo contada, até se tornar uma história da Grande Guerra do Anel, incluindo muitas passagens da história ainda mais antiga que a precedeu. O conto foi iniciado logo depois que The Hobbit foi escrito e antes de sua publicação em 1937; mas não continuou nesta sequência, pois eu queria primeiro completar e colocar em ordem a mitologia e as lendas dos Dias Antigos, que já vinham tomando forma havia alguns anos. Quis fazer **isso** para minha própria satisfação e tinha alguma esperança de que outras pessoas ficassem interessadas nesse trabalho, especialmente por ele ser fruto de uma inspiração primordialmente linguística, e por ter sido iniciado a fim de fornecer o pano de fundo “histórico” necessário para as línguas élficas.” (p. XI).

Nos recortes acima, os alunos identificaram o conteúdo da função de relato em enunciados como o que segue: a) “*Esta história cresceu conforme foi sendo contada até se tornar uma história da Grande Guerra do Anel, incluindo muitas passagens da história ainda mais antiga que a precedeu. O conto foi iniciado logo depois que “The Hobbit” foi escrito e antes de sua publicação em 1937; mas não continuou nesta sequência, pois eu queria primeiro completar e colocar em ordem a mitologia e as lendas dos Dias Antigos que...já vinham tomando forma havia alguns anos,* em contrapartida à função avaliativa que se introduz em b) “*Quis fazer **isso**¹⁴ para minha própria satisfação e tinha alguma esperança de que outras pessoas ficassem interessadas nesse trabalho, especialmente por ele ser fruto de uma inspiração primordialmente linguística...*”

Observaram também, do mesmo modo, que estas duas modalidades enunciativas encontram-se articuladas por uma relação anafórica (isso), que ao retomar o conteúdo do relato torna-o também objeto de avaliação.

Desta forma, enquanto no relato o enunciador contextualiza, para o leitor, como as personagens foram sendo introduzidas nos conflitos que envolvem a Grande Guerra do Anel¹⁵, na avaliação este reporta-se à sua posição de filólogo, que lhe permite refletir de um modo específico em torno de eventos linguísticos. Eis aqui o modo como a enunciação é dividida.

Dando continuidade às análises, em relação à relevância das adaptações feitas pelo tradutor, os alunos colocaram em destaque a impropriedade de co-ocorrência entre os itens lexicais *background* (LF) e *pano de fundo* (LA) considerando que na justificativa “in order to provide **the necessary background of history**”¹⁶ a expressão *background* não poderia co-ocorrer como pano de fundo tendo em vista a sua relação estreita com a história, cujo papel seria fundamental para este tipo de narrativa.

14 Os grifos são nossos.

15 É importante observar que a contextualização feita no prefácio envolve também algumas considerações de John R. R. Tolkien, acerca de possíveis relações entre o mito da guerra dos elfos e a guerra de 1939, bem como sobre os efeitos da sobreposição entre as funções de autor e de crítico.

16 Os grifos são nossos.

Assim a tradução de “**the necessary background of history** for Elvish tongues” torna-se inadequada por duas razões:

- I) por apagar a ideia fundamental de retomada da história; as informações sobre o contexto das narrativas medievais, sobretudo as relações entre as aventuras vividas pelos hobbits e pelos personagens de ‘The Lord of the Rings’;
- II) por colocar entre aspas o item lexical história, reforçando, deste modo, o papel secundário atribuído ao componente histórico para a produção do romance.

Na sequência, os alunos colocaram em destaque o emprego do item lexical **tongue**, homônimo em língua Portuguesa, podendo remeter a a) órgão do corpo humano, b) sistema simbólico, mas não em língua Inglesa, onde se poderia lançar mão de dois itens lexicais distintos: *tongue* para órgão do corpo humano e *language* para sistema simbólico.

Em consequência, tendo em vista a formação filológica do autor, os alunos concluíram¹⁷ que a escolha de *tongue* em língua-fonte não seria aleatória e remeteria não exatamente às línguas no sentido normativo, mas às linguagens não-convencionais, às formas de expressão de seres élficos, considerando, sobretudo, que as modalidades de comunicação destes seres mágicos não deveriam reproduzir os paradigmas dos sistemas linguísticos humanos, podendo ocorrer por meio de sussurros, gritos, telepatia, sinais místicos, códigos, etc...

Quanto aos aspectos de equivalência entre estruturas morfossintáticas, que viriam a configurar determinados recursos de busca de equivalências entre estruturas gramaticais de diferentes línguas, os alunos colocaram em destaque lacunas observadas no modo de produção destas equivalências em relação ao sistema verbo-temporal das línguas Inglesa e Portuguesa, conforme ilustram os recortes a seguir.

R2 “The Lord of the Rings **has been read** by many people since it finally appeared in print fifteen years ago;” (p. 8)

R2’ “O Senhor dos Anéis **foi lido** por muitas pessoas desde que finalmente foi lançado na forma impressa;” (p. XIII).

A substituição de uma estrutura verbo-temporal no present perfect tense como *has been read* e que remete a ações, cujos aspectos pontuais indicam frequência e duratividade, por uma estrutura composta de particípio no pretérito em língua Portuguesa como “foi lido por muitas pessoas” ao invés de uma forma composta no presente como tem sido lido, rompe com a ideia de duratividade proposta pelo present perfect em língua Inglesa, produzindo o efeito de uma avaliação sobre leituras que pertencem simplesmente ao passado.

Esta “simplificação” torna-se mais expressiva na medida em que o tradutor também suprime uma referência temporal importante: *fifteen years ago*. Assim, ao substituir “since it finally appeared in print fifteen years ago” por “desde que foi lançado na forma impressa”, o tradutor apaga do prefácio as informações sobre o momento de lançamento da obra na forma impressa.

Por fim, o recorte seguinte possibilita ilustrar relações de equivalência lexical produzidas:

R3 “Some who have read the book or at any rate **have reviewed it**, have found it boring, absurd or contemptible, and I have no cause to complain, since I have similar opinions of their works or of **the kind of writing** that they evidently prefer.” (p. 9)

17 Este tipo de conclusão, segundo nossas observações, foi o que demandou maior esforço de observação por parte dos alunos, considerando que intervenções desta ordem estão relacionadas com as próprias condições de produção dos textos.

R3' “Algumas pessoas que leram o livro, ou que de qualquer forma **fizeram uma crítica dele**, acharam-no enfadonho, absurdo ou desprezível; e eu não tenho razões para reclamar, uma vez que tenho opiniões similares a respeito do trabalho destas pessoas ou **dos tipos de obras** que elas evidentemente preferem.”. (p. 9)

Este recorte despertou a atenção dos alunos em função da adaptação da expressão “the kind of writing” que foi substituída de forma muito apropriada por “tipos de obras” a fim de fazer referência às diferentes produções literárias que os leitores preferem. Por outro lado, a substituição da expressão “have reviewed it” por “fizeram uma crítica dele” reduz o ato de resenha à crítica, de tal forma que os críticos não necessariamente precisariam ser aqueles que revisaram, que resenharam o livro. E aqui podemos observar os índices axiológicos que compõem a tradução do prefácio.

Segundo os alunos, entretanto, este tipo de equivalência remeteria a uma interpretação reducionista do tradutor que não avaliou os possíveis efeitos de sentidos produzidos pelo estabelecimento de co-ocorrências entre dois itens lexicais que não poderiam ser alternados neste contexto discursivo.

Algumas considerações provisórias

Após a observação do modo de funcionamento do prefácio como um gênero discursivo que requer a inscrição de seu enunciador em lugares contraditórios, o de relator e de avaliador, os alunos puderam compreender como os enunciados remetem a diferentes posições que o enunciador assume em relação ao modo como apreende e analisa uma obra literária. Desta forma, tornaram-se mais concretas também as reflexões, de ordem teórica, em torno do papel que o tradutor precisa assumir em face das especificidades que caracterizam o seu ofício de leitor-autor. Enfim, este exercício reflexivo tornou possível compreender como se processa o trabalho interpretativo do tradutor.

A partir de tais reflexões, portanto, é que os alunos sentiram-se aptos a caracterizar o modo como o tradutor constrói um “diálogo” entre diferentes línguas e culturas e torna-se autor deste processo dialógico, tendo de assumir o ônus não somente pela troca de palavras de uma língua para outra, mas de interpretar. Deste modo, ao vivenciar a experiência de refletir sobre a prática tradutória como um ato de interpretação e ao mesmo tempo de autoria é que estes puderam compreender a responsabilidade do ato de traduzir como “uma prática de leitura total” que requer, ao mesmo tempo, o “direito de paternidade” sobre os diálogos produzidos entre línguas e o dever de assumir todos os ônus que estão implicados nesse processo de criatividade, tomado como uma função responsiva à língua, à cultura e ao discurso do outro.

Referências

- ALLAN, D. J. *The philosophy of Aristotle*. Oxford: Oxford University Press, 1970.
- ARISTÓTELES. *Organon: Tópicos*, V. Lisboa: Guimarães Ed., 1987. Trad. Pinharanda Gomes.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2011. Trad. Paulo Bezerra.
- _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. UNESP, 1993. Trad. A. F. Bernardini et al.

- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1986. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi.
- BENVENISTE, É. *O homem na linguagem*. Lisboa: Ed. Veja, s.d. Trad. Maria Alzira Seixo.
- _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Ed. Pontes, 1995. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri.
- _____. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Ed. Gallimard, 1966.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1999.
- GUIMARÃES, E. Espaço de enunciação e política de línguas no Brasil. In: OLIVEIRA, S. E. SANTOS, J. F. (Org.) *Mosaico de linguagens*. Campinas: Ed. Pontes, 2006, p. 11-27.
- HORNBY, A. S. *Oxford Advanced Learners Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- PALMER, F. *Semantics: a new outline*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- STEINER, G. *After babel*. London: Oxford University Press, 1975.
- TOLKIEN, J. R. R. *O senhor dos anéis. A sociedade do anel*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000. Trad. Lenita Maria Rimoli e Almiro Pisetta.
- _____. *The lord of the rings*. London: George Allen & Unwin Ltda., 1972.
- VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Ed. 34, 2017. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Volkova Américo.
- WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoria da Literatura*. Lisboa: Ed. Europa-América, 1976.
- ZOPPI-FONTANA, M. G. Lugares de enunciação e discurso. *Revista Leitura: Análise do Discurso*, Maceió: Ed. UFAL, n. 23, 1999, p. 15-24.

Recebido em: 23/04/2018 Aceito em: 03/05/2018